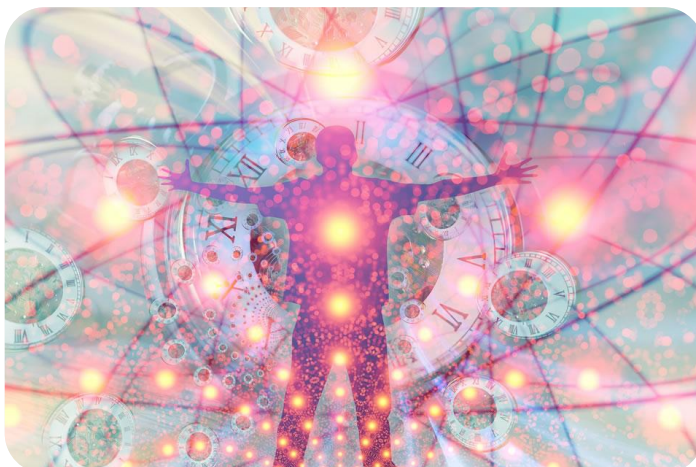


1º TEMA – CRÍTICA DO PARADIGMA MODERNO

- a) *De que forma os modelos científicos e religiosos que aprendemos a considerar como “verdades definitivas” podem estar condicionando, limitando ou direcionando nossa forma de compreender a realidade, a consciência e o próprio ser humano?*
- b) *O que deixamos de perceber, investigar ou reconhecer sobre a realidade quando aceitamos como incontestáveis os paradigmas materialistas ou dogmáticos que estruturam o pensamento dominante da sociedade contemporânea?*

1. A CIÊNCIA MATERIALISTA E A TEOLOGIA DOGMÁTICA

O paradigma¹ moderno, consolidado a partir dos séculos XVII e XVIII, fundamenta-se principalmente no racionalismo cartesiano² e no empirismo científico³. Esse modelo de pensamento estabeleceu uma separação rígida entre sujeito e objeto, mente e matéria, espírito e corpo, inaugurando uma visão mecanicista da realidade. A ciência moderna passou a operar com base na mensuração, na quantificação e na observação externa dos fenômenos, restringindo o campo do conhecimento ao que pode ser empiricamente verificado.



Nesse contexto, a ciência materialista passou a considerar a matéria como a substância fundamental da realidade, tratando a consciência como um subproduto do funcionamento cerebral. Fenômenos subjetivos, como a experiência interior, a intuição e os estados ampliados de consciência, foram progressivamente excluídos do campo científico ou reduzidos a explicações neurofisiológicas. Tal postura gerou avanços tecnológicos

¹ **Paradigma moderno:** Conjunto de pressupostos filosóficos, científicos e culturais que se consolidou na Europa a partir dos séculos XVII e XVIII, fundamentado no racionalismo cartesiano, no empirismo científico e no método analítico-reducionista. Esse paradigma estabelece uma separação estrutural entre sujeito e objeto, mente e matéria, espírito e corpo, concebendo a realidade como um sistema mecânico regido por leis causais lineares e passível de completa explicação por meio da mensuração e da observação externa. No campo do conhecimento, privilegia a objetividade, a quantificação e a fragmentação dos fenômenos, relegando a consciência, a subjetividade e a experiência interior a um plano secundário ou não científico. Embora tenha possibilitado avanços técnicos e tecnológicos significativos, o paradigma moderno impôs limites à compreensão integral da realidade ao excluir dimensões simbólicas, qualitativas e espirituais da experiência humana.

² **O racionalismo cartesiano** é uma corrente filosófica inaugurada por René Descartes (século XVII) que sustenta a razão como a principal fonte do conhecimento verdadeiro. Fundamenta-se na ideia de que a mente humana, por meio do pensamento lógico e dedutivo, é capaz de alcançar verdades universais independentemente da experiência sensorial. Seu método baseia-se na dúvida metódica, na análise racional, na decomposição dos problemas em partes simples e na busca de certezas claras e distintas. Uma de suas consequências centrais foi a separação entre sujeito e objeto, mente e matéria, expressa no dualismo cartesiano, que influenciou profundamente a ciência moderna ao favorecer uma visão mecanicista, analítica e fragmentada da realidade.

³ **Empirismo científico:** Corrente filosófica do conhecimento que sustenta que o saber válido deve fundamentar-se prioritariamente na experiência sensível, na observação sistemática e na experimentação controlada. Segundo essa perspectiva, proposições científicas devem ser verificáveis ou testáveis por meio de dados empíricos, obtidos pelos sentidos ou por instrumentos de mensuração. Desenvolvido sobretudo entre os séculos XVII e XVIII, com pensadores como Francis Bacon, John Locke e David Hume, o empirismo científico foi essencial para a consolidação do método científico moderno. Contudo, ao restringir o campo do conhecimento ao observável e quantificável, tende a excluir ou reduzir fenômenos subjetivos, como a consciência, a intuição e a experiência interior, impondo limites à compreensão integral da realidade.

significativos, mas também impôs limites epistemológicos, ao desconsiderar dimensões não mensuráveis da experiência humana.

Paralelamente, a teologia dogmática, especialmente nas tradições religiosas institucionalizadas, desenvolveu-se com base em sistemas de crença rígidos, sustentados pela autoridade, pela revelação literal e pela interpretação fixa de textos sagrados. Ao invés de dialogar com a razão e a experiência direta, muitos sistemas teológicos passaram a operar pela imposição de verdades absolutas, inquestionáveis e normativas, afastando-se de uma investigação viva e consciente do sagrado.

Dessa forma, ciência materialista e teologia dogmática, embora aparentemente opostas, compartilham um mesmo padrão estrutural: a exclusão da consciência como elemento central do conhecimento. Enquanto a ciência reduz o real ao mensurável, a teologia reduz o transcendente a um conjunto de dogmas, comprometendo, em ambos os casos, uma compreensão mais ampla da realidade.

2. O QUESTIONAMENTO DA “INFALIBILIDADE” DOS SISTEMAS DE CONHECIMENTO

Um dos pilares do paradigma moderno é a crença na infalibilidade de seus próprios métodos e pressupostos. A ciência, ao longo de sua institucionalização, passou a ser vista como a única via legítima de acesso à verdade, enquanto outras formas de conhecimento — simbólicas, espirituais, intuitivas ou tradicionais — foram classificadas como subjetivas, pré-científicas ou supersticiosas.

Essa postura gerou uma espécie de cientificismo, no qual o método científico deixou de ser um instrumento de investigação para tornar-se um sistema fechado de validação da realidade. Nesse contexto, o conhecimento científico passou a ser apresentado como neutro, objetivo e universal, desconsiderando os condicionamentos históricos, culturais e filosóficos que permeiam sua construção.



De modo semelhante, sistemas religiosos dogmáticos passaram a se autodeclarar detentores exclusivos da verdade espiritual, atribuindo caráter absoluto às suas doutrinas e interpretações. O resultado foi a cristalização do pensamento, tanto no campo científico quanto no religioso, com resistência a revisões conceituais, diálogos interdisciplinares e questionamentos epistemológicos.

O questionamento da infalibilidade desses sistemas não implica a negação de suas contribuições, mas a problematização de suas limitações. A história do conhecimento demonstra que paradigmas científicos e religiosos são construções provisórias, sujeitas a revisões, rupturas e superações. Reconhecer essa condição é fundamental para o avanço do saber e para a construção de um modelo mais integrador.

A crítica ao paradigma moderno, portanto, não busca substituir uma forma de dogmatismo por outra, mas evidenciar a necessidade de humildade epistemológica, reconhecendo que nenhum sistema isolado é capaz de abarcar a totalidade da realidade.

3. A FRAGMENTAÇÃO DO SABER E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Outra característica central do paradigma moderno é a fragmentação do conhecimento. A especialização extrema das disciplinas científicas, embora tenha possibilitado avanços técnicos significativos, resultou na perda de uma visão integrada do ser humano e do universo. O conhecimento passou a ser compartimentalizado em áreas estanques, frequentemente incapazes de dialogar entre si.

Essa fragmentação manifesta-se na separação entre ciência, filosofia, espiritualidade e ética. A ciência ocupa-se dos fatos, a filosofia dos conceitos, a espiritualidade do sentido e a ética das normas, sem um eixo comum que articule essas dimensões. Como consequência, o ser humano passou a ser compreendido de forma parcial: corpo separado da mente, mente dissociada da consciência, consciência desvinculada do sentido existencial.

No campo social, essa fragmentação contribui para crises de sentido, alienação, esvaziamento existencial e dificuldades na construção de valores compartilhados. No campo ambiental, sustenta uma relação utilitarista com a natureza, vista como recurso a ser explorado, e não como sistema vivo interconectado. No campo espiritual, promove uma dissociação entre conhecimento intelectual e vivência interior.

Diversos autores contemporâneos apontam que essa fragmentação não é apenas epistemológica, mas também existencial. O ser humano fragmentado reflete um conhecimento fragmentado, incapaz de integrar razão, emoção, intuição e ética em um todo coerente. Assim, a crise do paradigma moderno não se limita ao campo teórico, mas manifesta-se como crise civilizatória.

A denúncia da fragmentação do saber conduz à necessidade de um novo paradigma, capaz de reintegrar as múltiplas dimensões da realidade e da experiência humana. Esse novo modelo propõe o diálogo entre ciência e espiritualidade, entre conhecimento objetivo e experiência subjetiva, entre razão analítica e consciência ampliada.

4. LIMITES DO PARADIGMA MODERNO PARA COMPREENDER A REALIDADE

A crítica ao paradigma moderno evidencia seus limites epistemológicos fundamentais. Ao excluir a consciência do processo de conhecimento, esse paradigma compromete sua capacidade de compreender fenômenos complexos, como a subjetividade, a experiência espiritual, os estados ampliados de consciência e os fenômenos não locais.

O desenvolvimento da física contemporânea, da teoria dos sistemas, da biologia da complexidade e dos estudos da consciência tem revelado que a realidade não se comporta de acordo com os pressupostos mecanicistas clássicos. A interconectividade, a não linearidade, a indeterminação e a participação do observador no fenômeno observado desafiam as bases do pensamento moderno.

Nesse cenário, a crítica ao paradigma moderno não representa uma rejeição da ciência, mas a ampliação de seus fundamentos. Trata-se de reconhecer que o conhecimento humano é multidimensional e que a realidade não pode ser reduzida a uma única linguagem ou método. A superação do paradigma moderno exige um modelo integrador, no qual ciência, filosofia e espiritualidade possam dialogar sem hierarquias absolutas.

Nesse contexto, alguns achados arqueológicos e históricos têm suscitado debates interpretativos na comunidade científica e em diferentes correntes de pensamento. Embora tais casos não constituam provas definitivas de interpretações alternativas da história humana, eles demonstram que o conhecimento histórico e científico permanece aberto à investigação e revisão. Esses exemplos também revelam como diferentes paradigmas podem influenciar a forma como os vestígios do passado são interpretados.

CONCLUSÃO

A crítica ao paradigma moderno evidencia a necessidade de revisão dos pressupostos que sustentam os modelos dominantes de produção do conhecimento. Embora ciência materialista e teologia dogmática, embora aparentemente opostas, podem compartilhar um padrão estrutural semelhante: a limitação da investigação livre do conhecimento. Enquanto a ciência materialista tende a reduzir o real ao mensurável, sistemas teológicos dogmáticos tendem a subordinar a investigação à autoridade doutrinária.

O questionamento da suposta infalibilidade desses sistemas revela que tanto o cientificismo quanto o dogmatismo religioso tendem a operar como estruturas fechadas, resistentes ao diálogo e à integração de diferentes formas de saber. Essa postura compromete a ampliação da compreensão da realidade e dificulta o reconhecimento da pluralidade de abordagens legítimas para o conhecimento humano.

A fragmentação do saber, característica central do paradigma moderno, manifesta-se não apenas no campo epistemológico, mas também nas dimensões existencial, social e espiritual. A dissociação entre ciência, ética, espiritualidade e consciência contribui para crises de sentido, para a perda de referenciais integradores e para a incapacidade de compreender o ser humano em sua totalidade multidimensional.

Diante desse cenário, a crítica ao paradigma moderno não se apresenta como negação da ciência ou da razão, mas como convite à sua ampliação. A superação de seus limites requer um paradigma integrador, no qual a consciência

seja reconhecida como elemento central do processo de conhecimento e no qual ciência, filosofia e espiritualidade possam dialogar de forma complementar. Essa perspectiva constitui o ponto de partida para os estudos subsequentes do EAME, que buscam investigar a evolução da consciência, a história da humanidade e os processos de desenvolvimento espiritual a partir de uma abordagem mais integrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2020.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CAPRA, Fritjof. **O tao da física**: uma análise dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 2025.
- CHALMERS, David. **The conscious mind**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FAGAN, Brian. **Archaeology**: a brief introduction. 12. ed. Londres: Routledge, 2016.
- GOSWAMI, Amit. **O universo autoconsciente**: como a consciência cria o mundo material. São Paulo: Aleph, 2015.
- GOSWAMI, Amit. **A física da alma**: a jornada da consciência além de si mesma. São Paulo: Aleph, 2015.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MITHEN, Steven. **After the ice**: a global human history, 20.000–5.000 BC. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- NAGEL, Thomas. **Mind and cosmos**: why the materialist neo-Darwinian conception of nature is almost certainly false. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology**: theories, methods and practice. 8. ed. Londres: Thames & Hudson, 2020.
- SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WILBER, Ken; DE FÁTIMA SAINT-AUBYN, Maria. **Uma breve história de tudo**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- WILBER, Ken. **O espectro da consciência**. São Paulo: Cultrix, 2007.